

## **Regimes passionais do MBL na eleição presidencial de 2018 <sup>1</sup> Passionate regimes of MBL in the 2018 presidential campaign**

José Luiz Aidar Prado <sup>2</sup>

Vinicius Prates<sup>3</sup>

**Resumo:** *O texto examina os posts do MBL no Facebook, em setembro e outubro de 2018, durante a campanha eleitoral para presidente, mapeando valores e regimes passionais. Como o enunciador MBL operou em seus contratos de comunicação para construir, em termos de valores, temas e afetos, seu discurso principal e como ajustou e interpretou vários fatos ocorridos durante a campanha para unificar o campo das direitas em torno da candidatura Bolsonaro? Como essa construção se vinculou à polarização?*

**Palavras-Chave:** *1. Comunicação e política. 2.Regimes passionais. 3. MBL.*

**Abstract:** *In this paper we examine MBL posts in Facebook, from september to october 2018, during the campaign for presidential elections, in order to map values and passionate regimes. How did MBL enunciator elaborate its communication contracts so as to build -- in terms of values, themes and affections -- its main discourse? How did it adjust and interpret various facts during the campaign in order to unify the right-wing field around Bolsonaro's candidacy? How was this construction linked to the political polarization?*

**Keywords:** *1. Communication and politics 2. Passionate regimes 3. MBL*

---

### **1. Introdução**

A campanha eleitoral para presidente do Brasil em 2018 foi caracterizada pela grande circulação de mensagens, entre as quais memes e fake news. Nesse texto estudaremos parte dessa circulação acompanhando as postagens da página do Movimento Brasil Livre (MBL) no Facebook entre setembro e outubro. O objetivo é entender como o enunciador MBL, durante a última etapa da campanha eleitoral, operou, em seus contratos de comunicação, de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2018.

<sup>2</sup> PUC-SP; doutor; [aidarprado@gmail.com](mailto:aidarprado@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie; doutor; [viniciusprates.vp@gmail.com](mailto:viniciusprates.vp@gmail.com)

modo a ajustar estrategicamente ao seu discurso a interpretação de uma série de "fatos" ocorridos durante a campanha e noticiados pela grande imprensa. As postagens cotidianas remetem sempre tais referências ao discurso principal e constroem as figuras do Mesmo (de direita) e do Outro (de esquerda) como antagonistas irreconciliáveis. O mapeamento dos posts foi feito considerando suas temáticas, figuras e afetos (PRADO, 2008, 2011, 2013, 2015, 2015a, 2016, 2016a, 2018; PRADO e PRATES, 2017, 2017a, 2019) num ambiente político altamente polarizado.

O MBL (Movimento Brasil Livre), foi fundado em 2014 e se mantém muito ativo nas redes sociais, nas quais estão seus principais canais de difusão de conteúdos. A página de Facebook do MBL tem aproximadamente 3,2 milhões de seguidores, e nela o movimento se define como: “uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera” (MBL, 2019). O movimento ganhou visibilidade durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Roussef em 2015 (PRADO e PRATES, 2017), cresceu durante as eleições para cargos municipais em 2016 e chegou ao poder com vitórias expressivas — apoiando o então candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL) — de uma série de governadores e parlamentares nas eleições de 2018. Dois de seus fundadores e principais dirigentes conseguiram eleger-se com votações expressivas em eleições recentes: Fernando Holiday (DEM-SP) foi eleito vereador em São Paulo aos 20 anos de idade (o mais jovem da história da cidade) com mais de 40 mil votos; Kim Kataguirí (DEM-SP), nascido em 1996, foi eleito deputado federal com 465 mil votos.

O período de coleta das postagens desses movimentos começa em 5 de setembro, um dia antes do atentado sofrido por Bolsonaro, atingido por uma facada desferida por Adélio Bispo de Oliveira (identificado como o agressor e preso no próprio local do ato) e se encerra um dia após o segundo turno das eleições, em 28 de outubro, quando já estava concluída a contagem dos votos e definida a vitória de Bolsonaro pelo Tribunal Superior Eleitoral. Neste

período foram coletadas 1215 postagens<sup>4</sup>, que podem ser divididas em dois grupos: aquelas nas quais os enunciadores realizam um trabalho semiótico, de longa duração, de instauração de uma plataforma discursiva (que chamaremos de “cotidianas”, ou de plataforma); aquelas nas quais determinados eventos tematizados pela grande imprensa são ajustados de modo a homologar os sentidos do background previamente construído (chamaremos estas postagens, seguindo o jargão do jornalismo, de “factuais”).

## 2. Postagens cotidianas

Vejam, inicialmente, as postagens cotidianas (ligadas à plataforma discursiva). Neste caso, os enunciadores se esforçam para mostrar os apoios de celebridades e políticos, a fim de apresentar quem comunga das mesmas ideias (a plataforma discursiva do movimento) e de desqualificar o adversário, configurando-o como inimigo perigoso e traidor a ser derrubado e combatido. As postagens do movimento demonstram que esse é o background temático que sustenta um discurso constante, que constrói um Outro malévolo a quem é atribuída uma série de predicados negativos como a corrupção, o ódio, a vagabundagem etc., como se vê neste post de 6 de setembro, algumas horas antes do atentado a Jair Bolsonaro: “Junte-se ao grupo mais odiado por máfias de táxi/artistas da globo /sindicalistas /desarmamentistas /doutrinadores /cuspidores /vagabundos e entre muitos outros” (MBL, 6/9/2018). Ou então, em alusão à comemoração de 7 de setembro: “Primeiro grito de independência – Independência ou Morte. Segundo grito de independência – Fora Dilma! Fora PT!”.

A esquerda é tematizada e figurativizada como autoritária. Segundo o MBL, ela hipocritamente acusa a direita de violência e autoritarismo, mas apoia ditaduras, como no seguinte post: “Em 06 de maio de 2017, o blog O Reacionário lembrou a entrevista concedida por Lula a [sic.] revista Playboy em 1979. Foi lá que o chefe da organização criminosa revelou

---

4 Devido a características técnicas das páginas de Facebook, principalmente as que têm muita atividade como a do MBL, pode ter havido durante este período mais postagens das que as captadas, considerando as que não puderam ser recuperadas ou foram retiradas do ar pelos administradores da página. Colaboraram para a captação do material os membros da oficina Análise Política de Redes Sociais, graduandos em jornalismo do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

sem pudor algum sua admiração por Adolf Hitler e outros carneiros como Mao, Aiatolá Khomeini. Você quer mesmo eleger quem representa este homem?” (MBL, 4/10/18). Em uma série de posts, esta tematização aparece quando o MBL acusa a esquerda de tentar obri-gar, autoritariamente, artistas que haviam se declarado neutros na disputa eleitoral a se posi-cionarem a favor de Haddad, como o caso de Anitta ou Juliana Paz.

Por sua vez, os artistas que se posicionam contra Bolsonaro como Roger Waters, Da-niela Mercury, Caetano Veloso e José de Abreu, são colocados como hipócritas: eles dizem se preocupar com o povo, mas eles estão interessados no dinheiro da Lei Rouanet, vivem no ócio, são vagabundos e aproveitadores. O MBL divulgou um enunciado de Olavo de Carva-lho no qual ele se dirige a Caetano Veloso: “Você está aterrorizado com a perda da boquinha” (MBL, 15/10/18). Além disso, Jair Bolsonaro fala pelo seu twitter, reproduzido na página do MBL: “EleNã: esse movimento é de artistas que ha [sic.] muito vem mamando na Lei Rou-anet” (MBL, 5/10/18). Da mesma forma, em outra postagem, pode-se ler: “Esses artistas não representam o povo e tão pouco [sic.] sofrem e se preocupam com o que o povo brasileiro vive na pele” (MBL, 20/10/18). A cadeia significante é essa: enquanto o povo sofre, os artis-tas hipócritas celebram e gozam, mas não só eles.

A política internacional aparece pouco, com uma exceção: a Venezuela é descrita como uma ditadura de esquerda, e as eventuais diferenças entre o regime de Maduro e o PT são anuladas. Não há diferença entre o PT e a Venezuela, tematizados como idênticos: Na Venezuela o povo passa fome, enquanto o ditador Maduro janta numa churrascaria, fuma, bebe e se diverte (MBL, 23/09/18). Há um mais-gozar intolerável em Maduro e em Lula, que os iguala (Lula está na cadeia e não pode mais usufruir de lazer na praia, sítio, ou beber ca-chaça). Esses hábitos, comuns na classe média, como jantar numa churrascaria, beber cacha-ça, são figurativizados nesse discurso de ódio como luxos ostentatórios de Lula e Maduro, caracterizando um sequestro de gozo: eles roubam o gozo dos conservadores, que se conside-ram os verdadeiros cidadãos.

Um dos temas mais repetidos nas postagens do MBL são ataques à imprensa, que, se-gundo o seu enunciador, faz o jogo da esquerda. Isto ocorreria em veículos diversos, como *Folha de S. Paulo*, *Globo* e até mesmo *Veja*. “A imprensa”, muitas vezes descrita desta ma-neira genérica e homogeneizante, é parcial contra Bolsonaro, protege os elementos violentos

da esquerda, como no seguinte post: “Agressões contra direitistas tem nome, rosto e filiação partidária, mas é muito cedo para generalizar. As supostas agressões contra esquerdistas ainda estão sob investigação, mas já tem muita conclusão da imprensa. Estranho, né?” (MBL, 11/10/18). E, além disso, a imprensa espalha fake news: “inventa nazista apoiando Bolsonaro [...] inventa KKK apoiando Bolsonaro [...]” (MBL, 16/10/2018). As acusações por vezes são diretas como no seguinte caso: “Grande imprensa e petistas espalham boatos de internet contra Bolsonaro” (MBL, 13/10/2018). Ou ainda, em uma acusação ao Jornal Nacional, da Rede Globo: “O maior telejornal do país está deliberadamente espalhando boatos de internet. Esse é o nível que a imprensa chegou” (13/10/2018). Nem mesmo a revista *Veja*, historicamente conservadora e antipetista, está imune às acusações de petismo: “Revista *Veja* apaga referência de Haddad ao Kit Gay. É a imprensa mostrando o seu lado” (15/10/2018). Ou então: “Para ajudar PT, revista *Veja* altera matéria de 7 anos atrás” (15/10/2018).

Além da imprensa, a própria justiça tem de ser vigiada, porque ela tende a prejudicar Bolsonaro e ajudar o PT. Toffoli, quando assumiu a presidência do STF, foi chamado em manchete de “ex-advogado do PT” (23/09/18). Além disso, a justiça está pronta a censurar Bolsonaro, ao não deixá-lo falar no kit gay (MBL, 16/10/18). No limite, os militantes da direita do MBL deveriam ficar atentos a fraudes na urna eletrônica que beneficiariam seus rivais petistas: “Após reclamações de fraudes, Justiça Eleitoral quer registrar queixas contra urnas eletrônicas” (MBL, 16/10/18).

Dentre políticos e partidos, os posts atacam prioritariamente o PT, mas também, com muita ênfase, Ciro Gomes e Guilherme Boulos. Eventualmente há ataques contra Geraldo Alckmin e Marina Silva. Todos estes são considerados um grupo mais ou menos homogêneo ao qual o MBL e Bolsonaro se opõem. Mesmo quando há uma tentativa de desenvolver um texto mais reflexivo, que foge ao padrão dos “memes lacradores”, a definição do Mesmo se dá apenas pela desqualificação de seus oponentes, coligidos numa espécie de frente única, que representa a velha política instaurada com a redemocratização do país, e contra a qual luta o “homem comum”, como se lê no seguinte post: “O arranjo estabelecido após o fim do Regime Militar não conseguiu atender aos anseios da população, sequer chegou perto de garantir o que seus próprios pais fundadores estabeleceram. Ao mesmo tempo temos um sentimento de estafa e intolerância com tudo o que representa o velho. É a revolta do homem co-

num. Eric Balbinus, em O Reacionário” (MBL 8/10/18). Ou então, da seguinte maneira, comemorando a derrota dos adversários: “A velha política acabou: Dilma fora, Lindbergh fora, Requião fora, Suplicy fora” (7/10/18).

A democracia estaria, nesse discurso MBL, tomada por esquerdistas em suas instituições: a justiça, a imprensa, a universidade jogariam contra Bolsonaro. O homem comum, sem apoios importantes, diz a verdade em correntes de whatsapp, as verdades que a imprensa não mostra. Isso cria uma corrente nas redes sociais em torno de uma idealizada salvação do país, dando um caráter positivo às causas bolsonaristas e ocultando ideologicamente a potência negativa de sua plataforma de extrema direita, ligada a um ultraneoliberalismo e aos projetos comportamentais reacionários exigidos pelos religiosos. Ao final, ele exulta com a vitória, sempre identificando-se pelo negativo, por aquilo que ameaça a mesmidade do Mesmo: o PT, a Venezuela, o artista usurpador, o professor doutrinador, resumindo, o esquerdista insidioso; mesmo no dia em que se confirmou a vitória do candidato do PSL, o bordão foi: “Nossa bandeira jamais será vermelha” e “PT nunca mais” (MBL, 28/10/18).

### 3. Pós-2013

Isto tudo não seria possível sem a existência de uma alta circulação de mensagens no ambiente polarizador dos últimos anos, em que se deu uma destituição da fala, como comenta Fontenelle (2018), bem como uma privatização do público. Comentemos esses aspectos, antes de voltar à análise dos posts.

Na sociedade das indústrias culturais, ou sociedade da produção da primeira metade do século 20, a circulação era uma passagem comunicacional entre enunciadores e públicos, ou emissores e receptores. Com a mudança para o pós-modernismo, na segunda metade do século, instaurou-se uma cultura das mídias, e a circulação tornou-se um processo mais complexo do que a passagem de um pólo emissor a um receptor. A recepção tornou-se cada vez mais ativa, na medida em que surgiram as novas mídias, em que o receptor de outrora começou a poder fazer suas próprias enunciações. Braga (2017) e Fausto (2010) chamam a essa sociedade das redes sociotécnicas de sociedade em vias de midiaticização, em que a circulação se

transforma em *locus* de negociação de sentidos, ou como diz Fausto Neto: “no lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta de reconhecimento” (2010, p. 11). Ou diríamos, pensando em nosso *corpus*, a circulação é o *locus* de embates e de disputa pelos sentidos que totalizam os discursos. Na polarização (PRADO, 2018) que estamos estudando neste texto tanto as direitas como as esquerdas estão disputando quem é o melhor presidenciável para destruir o inimigo e defender uma pauta: de um lado a pauta neoliberal e comportamental conservadora e de outro a pauta democrática, de distribuição e reconhecimento. Cada receptor que capta várias mensagens dentro de sua zona de pertencimento as dispara como emissor para inúmeros contatos seus, conforme seu capital de alcance, enquanto alguém criador de atenção. Nessa fase do capitalismo comunicacional, com sua cultura de consumo hiperativa, trata-se de pensar a circulação dos sentidos sob novas condições, em que se dá alta movimentação. Para dar conta dessa nova dinâmica Carlón (2018) propõe um dispositivo analítico que considera esse fato da hipermediatização. A sociedade moderna era, segundo Carlón (2018), midiática e a pós-moderna midiaticizada. Hipermediatização se refere a uma maior complexidade das comunicações na cultura das redes, tanto no que diz respeito à existência de vários sistemas midiáticos, como à emergência de novos enunciadores (os receptores em seu papel ativo), às operações em hipermídia, e a uma intensificação dos trânsitos (entre mídias massivas tradicionais e redes, com uso de telefonia e internet). Isso fica claro quando vemos como o MBL costura constantemente os novos fatos, que são apresentados nas mídias tradicionais, a seu discurso principal e a seu background temático.

Esse processo foi agravado pelo repúdio à coisa pública, ao Estado e aos políticos, o que foi a grande característica dos movimentos de junho de 2013 (PRADO, 2018). As jornadas de junho de 2013 são aquilo que, com o apoio em Badiou (1996), consideramos como *acontecimento*, que rompe um antigo regime de verdade, e num primeiro momento se mostra indecível: ele tem um máximo de potência e um mínimo de legibilidade (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001). O trabalho da política é o de dotação de sentidos para o que se apresentava como pura anomia, dando-lhe legibilidade por meio de um discurso. É esse processo que faz surgir um novo regime de verdade, a partir do qual se desdobram sujeitos que lhe são fiéis. Os sentidos do acontecimento são disputados por sujeitos fiéis e por sujeitos reativos;

estes últimos recusam as consequências do acontecimento, como é aqui o caso do MBL. Dito nos termos de Laclau e Mouffe (2015), o acontecimento é a dispersão dos *momentos* de uma cadeia de equivalências simbólicas em *elementos flutuantes*, pela dissolução do ponto nodal que os mantinha coesos (até que a política irá reagrupá-los como *momentos* de uma nova rede, coligidos sob um novo ponto nodal).

Neste caso, o MBL buscou recusar a potência de ruptura do acontecimento de 2013 (disputando os seus sentidos contra as esquerdas e contra outras direitas), criando os sentidos do “cidadão de bem”, avesso à “velha política”, que fora instaurada no grande pacto da redemocratização dos anos 1980, expresso na “Constituição Cidadã” de 1988. Segundo a leitura proposta pelo MBL, o “povo indignado” saiu às ruas nas jornadas de junho contra o arranjo político exaurido que propôs paulatinas reformas em direção a um estado de bem-estar social e uma política de reconhecimento das minorias e dos simbolicamente despossuídos. A Nova República, por esta visão, teria sido um arranjo de esquerda (tipificado pelo enunciador MBL como “comunista”), que reuniu políticos, artistas, professores, intelectuais, trabalhadores e mídia, com a promessa de uma pacificação social pela diminuição das desigualdades... Pacificação que nunca veio. As massas que tomaram as ruas, ainda de acordo com leitura proposta pela direita do MBL, proclamaram o fracasso desse pacto: afirmaram que a promessa de fim da violência não foi cumprida pela tese do combate à desigualdade, e que “bandido bom é bandido morto”; que as reivindicações de reconhecimento comportamental foram muito longe e ameaçam a identidade da família; que o Estado ficou grande demais em sua intenção distributiva e onera as camadas médias; que os políticos que conduziram o regime democrático até então se tornaram uma casta de privilegiados (principalmente os do PT, os mais representativos — segundo o MBL — desse arranjo redistributivo de capitais materiais e simbólicos), e seus membros se loclupetam, riem e se divertem num gozo cínico e escancarado, provocando o cidadão de bem. Este, em suma, foi o discurso ofertado ao povo verde-amarelo das ruas no pós 2013, segundo o trabalho semiótico de dotação de sentido proposto pelo Movimento Brasil Livre, e que clamou em 2018 por uma reação — em continuidade ao golpe de 2016 — comandada por Bolsonaro.

Esse repúdio foi espertamente debitado na figura do PT, que acabou por concentrar em si todo o mal, tornando-se o grande inimigo do país. Esse discurso paranóico levaria à prisão

de Lula e a falas de destruição dos "petralhas" por parte dos bolsonaristas. Isso criou uma comunidade de ódio, que se propunha a salvar o país, sob a figura colorida do verde e amarelo, que se punha contra o vermelho que passou a projetar o mal comunista. A produção de sentidos dessa comunidade se guiou pela intolerância, pela incapacidade de enfrentar os reais problemas da política e pelo ódio ao inimigo construído. Esses discursos caracterizam a busca de vingança contra os movimentos de esquerda, principalmente ligados às lutas de reconhecimento, que antes acusavam a direita branca e privilegiada. A identificação com os enunciadores não se dá diretamente somente no âmbito da mensagem, mas pela conexão com o discurso social mais amplo da polarização e da salvação do país contra o espectro comunista. Desta forma, só é possível entender a dinâmica desse discurso estudando-o em sua circulação por meio de uma linha do tempo, conectando-o com o discurso polarizador mais amplo e com as mensagens das mídias hegemônicas. Só assim podemos discernir o processo de polarização e seus percursos passionais, que constituíram uma sociabilidade não dialógica, baseada no ódio em valores repressivos, retentivos e reativos.

Essa reatividade carregada de intolerância e de ódio às lutas de reconhecimento e ao PT se construiu a partir de uma acusação de sequestro de gozo: o Outro me impede de gozar, o que não pode ser entendido sem considerarmos a organização dos valores semióticos construídos no nível fundamental e tensivo, mas também a organização passional nas narrativas breves dos posts (BUENO, 2015, p. 67), sempre ligadas aos discursos reativos mais amplos, como vimos. Os afetos aí presentes estão ligados à indignação, à intolerância e ao ódio.

#### **4. Cidadãos de bem ao redor do ódio indignado**

Os posts dos movimentos à direita oferecem um contrato de comunicação em que emerge uma convocação ao sujeito indignado, nomeado como defensor do verde-amarelo nacionalista brasileiro, como "cidadão de bem" que olha o coletivo e o Estado sempre a partir desse ponto de vista, o que o caracteriza como indivíduo consumidor, mais que como cidadão, apesar do discurso pretensamente defensor do país. O "cidadão de bem" é uma espécie de sujeito o tempo todo indignado, que compartilha com seus iguais esse sentimento pelo qual define a pertinência ao grupo. O jornalismo tradicional sempre apelou a isso: as manche-

tes convocam a essa indignação, como no seguinte caso: "Juízes do STF já ganham mais que colegas europeus, mesmo antes de reajuste aprovado hoje" (BBC Brasil, 07/11/2018). Esse é o tipo de manchete que não apresenta somente uma "informação", senão uma modulação, uma convocação ao sujeito indignado, que é o "cidadão". Com a crise da imprensa tradicional, a direita construiu sua esfera comunicacional principalmente no facebook e no whatsapp. Aí as mensagens não buscam ser verdadeiras, mas apenas encarnar e representar a visão que as direitas têm das esquerdas, em particular o inimigo número um, o PT. O ponto nodal do discurso é o inimigo a destruir. A mamadeira de piroca deve ser entendida nesse sentido, não adiantando reafirmar que ela é uma inverdade.

Essa rede de afetos indica um enunciador condominializado e não um sujeito coletivo preocupado em construir uma cultura tolerante, um espaço público em que as diferenças sejam consideradas (BUENO, 2015, p. 67). A indignação se coloca contra a corrupção, mas também contra a "incompetência" do estado, a má qualidade dos serviços, etc, temas que em geral aparecem também nas mídias tradicionais. Os valores do "cidadão de bem" indignado são aqueles do privado, da carreira, do condomínio e da família (e aí entram em cena também as pautas comportamentais). Esse sujeito não entende os operadores da mistura, apenas os da triagem. Alexandre Bueno explica isso a partir da semiótica tensiva:

A partir de *Tensão e Significação*, de Fontanille e Zilberberg (2001), os valores em semiótica começam a ser pensados de forma gradativa e não somente de maneira discreta. Isso significa dizer que os valores passam a ser compreendidos como resultado da combinação entre elementos quantitativos e qualitativos. Assim, extensidade e intensidade são a primeira condição para a articulação do valor. Essa articulação pode ocorrer de duas formas: a conversa e a inversa, a partir dos operadores da triagem e da mistura, que estão no eixo da extensidade, e dos operadores de tonicidade e de atonicidade, presentes no eixo da intensidade. A combinação desses dois eixos pode gerar um regime participativo (a correlação conversa em que predomina a mistura) ou um regime exclusivo/de exclusão (a correlação inversa cujo predomínio é a triagem) (BUENO, 2015, p.59, citando FONTANILLE: ZILBERBERG, 2001, p.26-27).

No contrato de comunicação do MBL, enunciador e enunciatário estão frustrados com a política, irados em especial com o PT, com a corrupção generalizada no país, com o sequestro de gozo realizado pelas lutas de reconhecimento (que são acusadas de defesa de bandidos, de serem comunistas e vitimistas). Estão descontentes e querem mudar os rumos da política. São agressivos. Portanto, podemos dizer que a grande chave que preside à indignação dessas direitas médias é a do ódio e da cólera. Greimas usou um esquema para definir a cólera:

frustração → descontentamento → agressividade

Para Greimas (2014), o sujeito encolerizado se sente frustrado, num primeiro momento, em suas esperanças e direitos. Antes, portanto, da frustração, pode-se pensar em um estado original em que ele estaria dotado de esperanças e modalizado. Um sinônimo de frustrar é decepcionar; nosso sujeito está, portanto, frustrado-decepcionado. Há, por assim dizer, um gradiente, passando pelo descontentamento, até a agressividade. Somente no final do processo ele chegará à indignação colérica. Em relação à espera Greimas coloca dois tipos: a) a espera simples, em que o sujeito se põe em relação com um objeto de valor; b) a espera fiduciária supõe relações modais com outro sujeito. Nesse texto estamos falando dessa segunda espera.

A direita antes de 2013 estava recuada, frustrada com a política e com os políticos, da mesma forma que parte das esquerdas, mas por razões diferentes. Se a esquerda queria mais liberdades, mais democracia, mais distribuição, as direitas investiram na reação contra a diversidade sexual e contra as lutas de reconhecimento. A corrupção e a fisiologia foi uma pauta inicial comum de 2013. Mas no pós-acontecimento cada parte construiu seu caminho em termos de valores e de afetos. O campo da direita se uniu, como vimos, contra as vitórias das lutas por reconhecimento, contra os movimentos de esquerda e contra o sequestro de gozo a que se sentiam submetidos. Essa reação aparece em várias figuras e falas no discurso das direitas: os mortadelas, os pobres andando de avião, os negros das cotas, tudo isso levando a um trânsito entre classes, a uma ascensão social, a uma mistura que ameaçou os valores absolutos das classes médias mais afortunadas, que investiram então na semiótica da triagem: Lula e a mamadeira de piroca são duas figuras centrais que catalizaram o ódio desse sujeito colérico, Lula por representar o pobre que invadiu o espaço simbólico que historicamente só havia sido ocupado pelas classes merecedoras de distinção e a mamadeira por sintetizar, no olhar das direitas, a perversidade, o mal que as esquerdas queriam impingir à inocência da infância.

Esses elementos passionais não compõem uma cadeia causal: “o desenvolvimento sintagmático da sequência pode se interromper a qualquer momento, dando lugar, a cada inter-

rupção, a um estado passional prolongado: a insatisfação se dilui em ‘resignação’, a malevolência pode prolongar-se como ‘hostilidade’ e o desejo de vingança pode permanecer no estado de ‘ira’ sem que tal arranjo passional conduza a um fazer” (GREIMAS, 2014, p. 248). Mas nesse caso a vingança veio com o impeachment de Dilma Roussef e com o golpe de 2016, depois com a prisão de Lula, o assassinato de Marielle e assim por diante. Para Greimas, a vingança pode ser definida como desejo de se vingar ou como ação:

- como ressarcimento moral do ofendido mediante a punição do ofensor
- como punição do ofensor que ressarce moralmente o ofendido

Os indignados de direita assumem esse regime da cólera vingativa acima descrito dominado pela malevolência, como vimos, prolongando-se no caminho da hostilidade, da agressividade e esvaziando a política democrática, que exige o diálogo para a construção social. A que valores essa direita se apega? Aos de uma cidadania encolhida sob o neoliberalismo, em que o cidadão passa a tornar-se consumidor individual, empresário de si mesmo, a partir de uma lógica estritamente econômica, perdendo espaço a política entendida sob a ótica das lutas de reconhecimento. Lutar aqui é subir na escala social, ter sucesso individual, ganhar dinheiro, ter sucesso nos negócios e nas vitrines midiáticas, nas novas mídias, em que reconhecimento é atestado pela visibilidade, pela atenção despertada pelos “amigos da rede”. Do lado do comportamento, parte dessa direita reacionária se sustenta nos valores religiosos fundamentalistas. Reconhecimento não é mais trazido pela sociabilidade dos coletivos lutando pela saída de uma situação de desprezo social (HONNETH, 2011), de quem era marcado como vítima. Quem luta pelo reconhecimento no sentido da saída da invisibilidade passa a ser taxado como esquerdista, petralha, mortadela, a partir do discurso da polarização.

## 5. Postagens factuais

Olhemos agora de perto as postagens factuais relativas aos cinco eventos que emergiram durante as eleições, para entender como elas são conformadas no discurso do MBL. Como vimos, esses posts constroem o tema do evento em questão, mas sempre apelando ao discurso geral do MBL contra o inimigo perigoso e é essa rejeição que faz a cola do pertenc-

cimento ao grupo. No período analisado, houve, a partir de um levantamento das capas do jornal *Folha de S. Paulo*, cinco tematizações que tiveram importantes repercussões nas postagens da rede social, a saber: o atentado contra Bolsonaro; a substituição de Lula por Hadad; a liberação da delação de Palocci; a denúncia de que bolsonaristas pagaram pela difusão de mentiras contra o PT no whatsapp; e as ações de autoridades contra manifestações políticas em *campi* universitários. Analisemos um a um esses eventos e acompanhem os posts do MBL.

5.1. *O atentado ao candidato do PSL Jair Bolsonaro, em 6 de setembro*: que implica no acompanhamento de seu estado de saúde; na identificação das motivações do agressor (se pessoais, resultantes de um transtorno psíquico, ou parte de um complô político); nas reações de outros candidatos e partidos; e na viabilidade ou no desejo de Bolsonaro participar de entrevistas, debates e eventos de campanha em virtude de seu estado de saúde, principalmente ao final do período de recuperação, quando ele já tinha recebido alta médica.

No próprio dia 6, até 15h34 foram postadas 12 mensagens cujos temas são os usuais do MBL: Lula figurativizado como dando-se mal em função da corrupção, os funcionários públicos federais são os mais ricos do país, o PT é corrupto, e assim por diante. A partir deste momento começam os posts relacionados à facada em Bolsonaro, que somaram mais 40 até o final do dia. Estes posts podem ser separados em grupos temáticos:

5.1.1. Uma série de posts acompanha a cirurgia de Bolsonaro, torcendo por sua recuperação: “Força, Bolsonaro!” (MBL, 6/9/18).

5.1.2. A esquerda é figurativizada como violenta. Neste grupo o perpetrador do atentado Adélio Bispo de Oliveira é nomeado como militante do PSOL por sete anos, como comunista, e como equivalente a outros esquerdistas que pronunciaram falas violentas contra gente da Direita: “Adélio, autor do crime, poderia ser Mauro Iasi [...], Wagner Freitas [...] ou Gleisi Hoffman [...]” (MBL, 7/9/18). Outro post afirma: “Dilma fez a declaração mais canalha sobre o atentado: o ódio quando você planta você colhe tempestade” (MBL, 7/9/18).

5.1.3. A esquerda é figurativizada como hipócrita. São posts nos quais o enunciador MBL afirma que a facada foi um ataque à democracia; o PT e o Psol, que se dizem defensores da democracia, pacifistas, na verdade são violentos e autoritários: “Ataque contra a demo-

cracia [...] e vem justamente da turma que diz defender a democracia” (MBL, 6/9/18). Outro post afirma: “E ainda tem esquerdista inventando que foi falso”.

5.1.4. A ampliação do Outro-inimigo, que além do PT inclui a imprensa, as redes sociais e os partidos que são tomados como equivalentes: “A imprensa, o Facebook, o Twitter e os partidos de extrema esquerda são eles os mentores intelectuais do atentado” (MBL, 7/9/18). Ou então: “Exercício mental: eleitor de Bolsonaro dá a facada em algum petista. Imprensa chamaria o atentado de evento? O agressor de suspeito? Falaria em onda de ódio dos dois lados? Insinuaria que o petista é culpado por incitar ódio e divisão?” (MBL, 8/9/19). Finalmente: “Além de Jair Bolsonaro, o juiz Sérgio Moro é ameaçado de morte quase todos dias. Esses fatos nunca são notícia” (MBL, 8/9/19).

5.1.5. Apesar de defender o uso de armas (e de alguns de seus membros estarem de fato armados), foi, de acordo com os posts, a esquerda que atacou violentamente Bolsonaro, enquanto a direita se manteve no âmbito da lei: “O sujeito anti-armamento tentou matá-lo com uma faca. Apoiadores de Bolsonaro – alguns armados – não revidaram, mas conduziram o militante comunista para uma delegacia. Entenderam?” (MBL, 8/9/19).

5.2. *O abandono definitivo da candidatura de Luís Inácio Lula da Silva pelo PT, em 11 de setembro, e sua substituição pelo então candidato a vice-presidente, Fernando Haddad, que a partir de então passou a contar com Manuela D’Ávila (PCdoB) como companheira de chapa. Esta tematização está analisada em conjunto com uma série de manchetes da imprensa com repercussões nas redes sociais citadas, que tratam de pesquisas eleitorais. Esta escolha se deve à principal questão política que se colocava naquele momento: se Haddad “herdaria” os votos que até então eram destinados a Lula nas pesquisas eleitorais. Durante este período, a *Folha de S. Paulo* lançou seis edições com manchetes sobre pesquisas eleitorais, que basicamente mostravam o crescimento de Haddad apoiado por Lula, que, assim, ultrapassava outros concorrentes como Ciro Gomes, Geraldo Alckmin e Marina Silva, mas também – principalmente ao final do período – um crescimento consistente, embora menos agudo, de Bolsonaro, que já se encontrava à frente, indicando que este tinha grandes chances de vencer as eleições. Finalmente, nos dias seguintes ao primeiro e ao segundo turnos, as manchetes da *Folha* foram, respectivamente — em “caixa-alta” —, as seguintes: “ONDA DE DIREITA” (*Folha de S. Paulo*, 8/10/2018) e “BOLSONARO PRESIDENTE” (*idem*, 29/10/2018).*

Neste caso, os posts do MBL passaram a figurativizar negativamente Haddad sob dois aspectos:

5.2.1. O primeiro é que Haddad não tem vontade própria, é um “poste” do presidiário Lula e o ex-presidente preso continuará mandando no outro a partir de sua cela em Curitiba. Neste caos, proliferam memes que reproduzem provocações feitas por Bolsonaro: ele não vai aos debates porque “quem conversa com poste é bêbado” (MBL, 16/10/18); ou então, quando chama o adversário de “marmitta de bandido” (MBL, 14/10/18), expressão machista deletéria sobre namoradas, amantes ou eventualmente prostitutas que vão até as penitenciárias encontrar os presos para fazer sexo nas visitas íntimas. Há ainda os que afirmam: se Haddad é Lula, Haddad deveria estar preso.

5.2.2. O segundo caso se relaciona a posts nos quais Haddad é denominado corrupto e incompetente, a partir de sua principal experiência anterior como prefeito de São Paulo. Ele é tido como o candidato rejeitado, mau prefeito, que perdeu a eleição seguinte. Aparecem muitos posts em forma de lista: “Você sabe quem é Haddad?”, e ali são elencadas investigações de autoridades ou aquilo que o MBL considera como provas de má gestão.

Assim, a figura de Haddad é construída de modo ambíguo: ele é corrupto, mau gestor, incompetente (como teria demonstrado na prefeitura), mas ao mesmo tempo não tem vontade própria, é vazio, subordinado. Essas duas representações não se misturam em um post único, mas vão sendo reproduzidas alternadamente.

5.3. A liberação de trechos da delação do ex-ministro do governo Lula, Antônio Palocci, em 1 de outubro, realizada pelo então juiz da 13ª. Vara Federal de Curitiba e posterior Ministro da Justiça de Bolsonaro, Sérgio Moro. Este fato foi manchete da *Folha* no dia 2 de outubro e gerou nas páginas da direita do facebook material para acusações e ataques ao PT, apresentado como corrupto, e nas de esquerda acusações de que Moro exercia um papel político incompatível com as prerrogativas de um julgador imparcial.

O ex-ministro de Lula é tomado pelo MBL como enunciador da verdade em suas delações. Ao contrário da desconfiança que demonstra para com a imprensa ou eventualmente para com membros do STF, políticos, e assim por diante, não há qualquer menção a circunstâncias atenuadoras à fala de Palocci (como à de ser beneficiado por um programa de delação premiada). “Fala tudo, Palocci!”, exclama um post (MBL, 11/09/2018). Há chamadas em tom

de urgência como: “Agora é um ex-ministro do próprio Lula falando que ele e as empreiteiras tiraram dinheiro do povo para bancar o próprio luxo. Vem mais condenação por aí! A informação é do Antagonista” (MBL, 1/10/2018). No mesmo dia o MBL postou o seguinte: “URGENTE! Ex-ministro de Lula, Palocci confirma em delação que sítio em Atibaia do ex-presidente fazia parte de esquema criminoso instalado pelo PT!” (*idem*). Ou então: “Palocci diz que a nacionalização do pré-sal não era para beneficiar o povo, mas sim para favorecer empreiteiras amigas. Mais uma vez fica provado: o desenvolvimento não passa de um argumento burro que esconde as pretensões criminosas dos que desejam aparelhar o Estado” (MBL, 9/10/2018). Há ainda posts que tratam de espriar para outros candidatos os efeitos negativos da delação, como: “Viu a delação de Palocci? Sabe quem era ministro de Lula na Época? Fernando Haddad, Marina Silva, Ciro Gomes, José Dirceu. Ter memória faz bem” (MBL, 14/10/18).

5.4. Uma série de reportagens da *Folha de S. Paulo*, a partir de 18 de outubro, começa com a seguinte manchete: “Empresas bancam disparo de mensagens anti-PT nas redes”. Elas informavam que uma empresa chamada CrocServices foi contratada por empresários, por uma soma milionária, em dinheiro não declarado como doação de campanha, para alimentar redes sociais (principalmente os grupos de whatsapp) com mentiras que simulavam notícias de imprensa, as fake news, contra a esquerda em geral e o PT em particular.

O MBL desqualifica as denúncias da imprensa (principalmente da *Folha*, que primeiro saiu com o “furo”). Sua principal tática é insinuar que há apoiadores suficientes dentre os eleitores da direita para prescindir da convocação de exércitos de robôs virtuais. As denúncias não são diretamente confrontadas, mas são assimiladas e revertidas por meio de ironia. É o caso, por exemplo, do seguinte post que só faz sentido neste contexto: “E aí, mandaram muito meme pelo zap hoje?” (MBL, 20/10/2018). Ou então: “Atenção todos os robôs do Brasil, amanhã é dia de voltar às ruas para defender nossa nação! Ou você vai, ou o PT volta!” (*idem*).

5.5. Várias ações coordenadas das polícias locais ou da polícia federal, na semana iniciada em 22 de outubro, ocorrem em universidades, coibindo manifestações políticas, mesmo que genéricas (como uma faixa pintada contra o “fascismo”). Estas intervenções foram repu-

diadas pelo Supremo Tribunal Federal e pela Procuradoria Geral da República (manchete da *Folha* do dia 27/10/2018).

No episódio das ações nas universidades, o MBL se mostra francamente favorável às forças policiais e de segurança. Os posts tematizam a universidade como “aparelhada” pela esquerda, o que deveria ser coibido com a ação da lei. São postagens como as seguintes: “Fazer militância política aparelhando o que é público é de uma imoralidade monstruosa, de um totalitarismo delirante. É obrigar toda a sociedade a financiar os meios de poder de um partido. É antidemocrático por definição. Este câncer tem que ser combatido, e a Justiça Eleitoral agiu com rapidez combatendo o mal na raiz” (MBL, 26/10/2018). Ou então, as que demonstram mal-estar com membros do STF após a corte ter impedido que as ações policiais prosseguissem. Luís Roberto Barroso e Gilmar Mendes foram alvos de ataques, como nos seguintes exemplos: “‘A polícia, como regra, só deve entrar numa universidade se for para estudar’ - disse Barroso, aquele que nunca deixou de usar a toga para esconder seu radicalismo de esquerda” (MBL, 26/10/2018) ; ou “Gilmar quer que tudo continue como está – com as esquerdas aparelhando universidades e usando recursos públicos em seus planos criminosos de poder” (*idem*).

## 6. Considerações finais

Quando os posts usam as notícias da imprensa, elas passam por uma espécie de tratamento semiótico, no qual o enunciador se esforça nos posts factuais para dotá-las de sentidos que homologuem o background discursivo constituído pacientemente nos posts ditos cotidianos (ligados à plataforma discursiva), ou seja, os valores liberais conservadores e o regime passional colérico voltado contra o inimigo petista. A imprensa não diz a verdade, a não ser que esta esteja submetida ao regime de verdade construído pelo próprio MBL, ou seja, a verdade da reação à direita.

No caso da facada em Bolsonaro, não há dúvida no ocorrido do fato noticiado pela imprensa (o ato violento contra o candidato, que corrobora a ideia de que o Outro-inimigo, ampliado, é autoritário e violento), mas quando as motivações do agressor são relativizadas pelo

clima de ódio ou tomadas como sendo fruto de um impulso pessoal de um desequilibrado, o enunciador se revolta.

Quando se observa o episódio da delação de Palocci, o MBL não tem dúvidas: os com- plôs desaparecem, e aquilo que o ex-ministro fala para a força tarefa da Lava Jato (sempre euforizada) é uma expressão verdadeira sem matizes.

No caso do impedimento da candidatura de Lula e de sua substituição por Haddad, o trabalho do enunciador é de revestir a figura do ex-prefeito de São Paulo dos mesmos atributos negativos já construídos ao longo dos anos sobre Lula nos posts cotidianos. Aqui não é preciso muita sutileza: se Haddad é Lula, Haddad é uma representação do mal absoluto, como a figura de Lula já fora anteriormente construída.

Quando o MBL trata da denúncia da *Folha de S. Paulo* sobre o pagamento de postagens contendo fake news contra o PT (o que em tese seria crime eleitoral) a estratégia do enunciador volta a ser a de desqualificação dos acusadores, por meio de ironias. A *Folha* se torna então um equivalente do PT e das esquerdas (que com Alckmin, Ciro e Marina) formam a velha política instaurada no processo de redemocratização dos anos 1980.

Finalmente, no episódio estudado das ações contras as manifestações políticas dentro das universidades, o MBL se mantém intransigentemente a favor das forças de repressão... E os mblistas vibram quando os campi são invadidos, figurativizados cotidianamente como lugar de gozo, de vagabundagem, do sexo e da maconha, cujos “habitantes” vivem das boqui-nhas bancadas pelo trabalho duro do “cidadão de bem”.

Assim as massas conservadoras das direitas, guiadas pelos memes e pelas fake news, se deliciaram com as mensagens de uma comunidade imaginada de pertencimento, que se orienta pelo discurso ideológico da polarização; nesse sentido polarização significa despolitização, em que as lutas pelo reconhecimento são estereotipadas e marcadas com o signo do mal.

As verdades factuais são, para o MBL, exclusivamente aquelas que homologam o background discursivo (negativo) constituído cotidianamente contra o inimigo, e então não há contestação; o que não pode se enquadrar na homologia é lido então como fake news produzidas e difundidas pelo Outro-inimigo ampliado: os políticos do PT, do Psol, do PSDB, do Pcdob, mas também a imprensa, a justiça, as universidades, os artistas, a ONU. As figuras do kit gay e da mamadeira de piroca materializam a figura do mal, e de nada adianta ficar de-

nunciando-as como inverdades; elas são metafóricas e prescindem da verdade, exigindo apenas um traço que apresenta e tipifica a malignidade do inimigo. Contra o inimigo asqueroso e perigoso essa direita se constitui como defensora do país, construindo uma sociabilidade nas redes em torno do regime colérico indignado e uma identidade de pertencimento a um conjunto imaginariamente salvador. Nesse sentido essas mensagens são construídas a partir do percurso passional da malevolência e da intolerância. Fazer política aqui é retirar do campo de debates as esquerdas, acusá-las, segregá-las, separá-las. Numa cultura de consumo em que os produtos físicos são substituídos pelos valores imateriais, o fato que provoca a indignação também desaparece, já não importa, funcionando como significante vazio. Os sujeitos modalizados estão mais preocupados em materializar o objeto que une "os cidadãos de bem" contra os inimigos, do que de apelarem à verdade. O que comanda a referência dos discursos não é mais o fato, mas a união ao redor de imagens e ideias conservadoras unificadoras de identidades.

## Referências

- BADIOU, A. **Ser e acontecimento**. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1996.
- BUENO, A. M. Para uma gramática da intolerância. In: **Entremeios**: revista de estudos do discurso. v.10, jan. jun. 2015.
- BRAGA, J.L.W. et all. **Matrizes interacionais** - a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2017. Universidade Estadual da Paraíba, 2017.
- CARLÓN, M. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión (Segunda apropiación de la Teoría de la Comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). [Prelo, enviado pelo autor], 2018.
- FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. In: **Rizoma**, v.6, n.2, p.8. Santa Cruz do Sul, dezembro 2018.
- \_\_\_\_\_. A circulação além das bordas. **Mediatización, sociedad y sentido**: diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- FONTENELLE, I. A. A dialectical reflection on the emergence of the 'citizen as consumer' as neoliberal citizenship: the 2013 Brazilian protests illustration. (Prelo), São Paulo, 2018.
- GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II**. Ensaios semióticos. São Paulo: Edusp/Nankin, 2014.
- HONNETH, A. **La sociedad del desprecio**. Madri: Editorial Trotta, 2011.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- PRADO, J.L.A. Polarização e insatisfação midiáticas no capitalismo comunicacional: como manter a democracia. Texto apresentado no *Ciseco 2018*. Jarapatinga: Ciseco, 2018.
- \_\_\_\_\_. Comunicação e reinvenção acontecimental da política. In: *Reinvenção comunicacional da política*. Brasília: Compós, 2016.
- \_\_\_\_\_. Afetos em confronto. Quem vai para a rua? Palestra apresentada no *Seminário Afetos*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2016a ( a ser publicado em livro em 2018, organizado por João Freire Filho).
- \_\_\_\_\_. Da convocação da alma gêmea ao acontecimento amoroso. In: PINHEIRO, A.; SALLES, C. *Jornalismo expandido*. Práticas, sujeitos e relatos entrelaçados. São Paulo: Intermeios, 2015.

\_\_\_\_\_. Comunicação como epistemologia do sul: do reconhecimento à emergência do acontecimento. In: *Matrizes*. V.9, n.2, jul./dez., pp. 109-125. São Paulo: ECA-USP, 2015a.

\_\_\_\_\_. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: Educ, 2013.

\_\_\_\_\_. *Regime de visibilidade em revistas*. São Paulo: PUC-SP, 2011. 1 DVD, 2011.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal*. DVD. São Paulo: PUC-SP, Um dia sete dias – Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa, 2008.

PRADO, J.L.A; PRATES, V. O afastamento de Dilma Rousseff: afetos e discursos em disputa na política. *Revista Famecos*. Porto Alegre: PUC-RS, 2019 (prelo).

\_\_\_\_\_. O significante “povo brasileiro” na crise política do impeachment de Dilma Rousseff. Texto apresentado na *Conferência Internacional Patologias e disfunções da democracia*, na Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal (a ser publicado em livro em 2019, organizado por Helder Prior), 2017.

\_\_\_\_\_. (org.). *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017a.